

A mulher aos olhos de Marcial*¹

Women in Martial's eyes

Mariana Beraldo Santana do Amaral da Rocha*²

Resumo: Em aproximadamente 25 por cento de seus epigramas, de mais de 1500, Marcial apresenta o gênero feminino como sujeito da narrativa epigramática; entretanto, o poeta varia o tom usado em cada personagem narrada. Ora o poeta aponta um vício, ora lança mão de temas mitológicos ou históricos, ora ecoa alguma personagem consagrada, ora alguma mulher que faz parte da vida pessoal do poeta é lembrada por ele, por exemplo. Embora apareçam em todo o *Epigrammata*, a sua maior parte está nos livros I, VIII, X, XII. Aqui, neste artigo, foram selecionados alguns tipos descritos por Marcial, tencionando-se apresentar a tradução destes em um panorama de como a mulher era vista em Roma do século I d.C.

Abstract: In approximately 25% of his epigrams, of more than 1500, Martial presents the female gender as subject of the epigrammatic narrative, however, the poet varies the tone used in each narrated character. Now the poet points out an addiction, sometimes he throws mythological or historical themes, sometimes some consecrated person echoes, sometimes some woman who is part of the poet's personal life is remembered by him, for example. Although they appear throughout *Epigrammata*, most of them are in books I, VIII, X, XII. Here, in this article, it was selected some types described by Martial, it is our aim to present the translation of these, in a panorama of how women were seen in First Century AD Rome.

Palavras-chave:

Epigrama;
Marcial;
Tipo feminino;
Literatura latina;
Tradução.

Keywords:

Epigram;
Martial;
Female type;
Latin literature;
Translation.

Recebido em: 26/12/2018

Aprovado em: 22/02/2019

*¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (Capes) - Código de Financiamento 001.

*² Doutoranda e mestra em Letras Clássicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob orientação da Profa. Dra. Arlete José Mota.

Introdução

Antes de adentrarmos ao tema, é preciso que deixemos claro que nossa intenção não é tecer um longo estudo sobre o gênero na Antiguidade; para tal, recomendamos a leitura de Feitosa (2012; 2008) e Foxhall (2013), entre tantos estudiosos que se lançaram em estudar o assunto. Tencionamos, aqui, apenas apresentar, de uma maneira objetiva, um panorama sobre a mulher na Antiguidade e falar dela nos escritos de Marcial. Para isso, recorreremos aos textos dos autores citados acima, por exemplo, os textos de Feitosa (2012; 2008), como também os textos de Clark (1981) e Perrot (1989) para entender quem era essa mulher antiga; os textos de Cesila (2004) para entender quem foi Marcial; e os próprios *Epigrammata* para elencarmos os exemplos sobre o tema proposto.

Qualquer investigação histórica sobre a vida da mulher antiga envolve uma interpretação individual e muita especulação, visto que estamos tratando de desvendar um grupo social marginalizado dentro de uma sociedade essencialmente masculina. Pode-se ler sobre o costume da mulher romana, entretanto estaríamos lendo fontes históricas escritas por homens, que, ao tratar dela, falam da mulher aristocrática, de uma maneira muito fragmentada e estereotipada. O escopo é limitado, mas tentaremos, de maneira resumida, entender a mulher romana, nesta introdução.

O estudo histórico mostra a figura feminina poucas vezes em suas linhas, uma vez que privilegia a cena pública – os jogos, as guerras –, lugar sem sua interferência (PERROT, 1989). O silêncio de informações sobre o papel feminino, sobretudo na Antiguidade, conforme conta Perrot (1989), está na carência de fontes que se lembram dela; entretanto, quando o fazem, a colocam em situações de histeria e escândalo. Carpopino (*apud* FOXHALL, 2013, p. 5), estudioso francês, em 1939, publica *La vie quotidienne à Rome à l'apogée de l'Empire*, e ali divide a mulher romana em duas categorias: as fortes e virtuosas; e as vergonhosas e egoístas, cujo descontrole contribuiu para a quebra dos valores familiares romanos e abalou as bases sociais da Roma Antiga.

Quando miramos al pasado, las noticias que nos llegan son muy escasas, desarticuladas y anecdóticas, referidas en su mayor parte a mujeres del nivel social más alto y siempre de manera marginal en los textos que relatan la vida o hechos destacados de sus familiares varones (BARCELÓ, *apud* GALDUF, 2016).

Quando olhamos para o passado, as notícias que nos chegam são muito escassas, desarticuladas e anecdóticas, referindo-se principalmente a mulheres do mais alto nível social e sempre marginalmente nos textos, que relatam a vida ou os fatos dependentes de seus parentes do sexo masculino (BARCELÓ *apud* GALDUF, 2016).

O papel e o *status* da mulher no mundo romano, muitas vezes, foram obscurecidos pelo preconceito dos antigos escritores e eruditos dos séculos XIX e XX, algo que só foi corrigido com os estudiosos pós-modernistas, que se interrogam sobre o real papel da mulher em seus direitos e deveres, nas artes, ou no cotidiano. Segundo Feitosa (2008), até a década de 1960, o assunto teve pouca importância no campo dos estudos clássicos, já que o que interessava aos pesquisadores eram as cenas e guerras, exceto quando havia espaço para a mulher ilustre, não por sua importância individual, mas sim por causa da relação com algum homem poderoso. Aponta Feitosa (2008, p. 124) que:

[...] as exceções davam-se em alguns estudos relacionados às mulheres chamadas célebres, como, por exemplo, as histórias de Messalina, de Cleópatra, de Livia ou Penélope, cujo interesse estava na relação que possuíam com homens famosos ou pelo poder que detinham.

Como dito, esta visão começa a mudar com os estudos pós-modernistas, que destacavam a diversificação da sociedade e questionavam a essência masculina ou feminina. Clark (1981, p. 193) aponta que foi a partir da década de 1980 que se preocupou em estudar o real papel feminino na história, questionando-se o que esta mulher fazia durante o seu dia, além da mera preocupação com sua aparência. Esse novo olhar só foi permitido por causa da redefinição do que seria um documento histórico (FEITOSA, 2012), ou seja, os documentos escritos oficialmente, as inscrições, as imagens, as estátuas, os túmulos e muitos outros vestígios históricos, que lançam mão do fazer histórico e de desvendar a mulher na Antiguidade.

Assim, visto que a mulher, nos tempos atuais, tem papel ativo dentro da sociedade, tendo destaque no mercado de trabalho, na universidade, e está sempre em busca de maior liberdade, igualdade e representatividade, os estudos do seu lugar na História se imbuem desse olhar libertador para encontrar o verdadeiro espaço da mulher dentro das relações entre os gêneros e o poder exercidos entre eles (FEITOSA, 2012).

Sobre os novos estudos, contam Santiago e Feitosa (2011, p. 30) que:

Nas últimas décadas do século XX, uma ampla variedade de temas então pouco comuns nos estudos acadêmicos, como a família, a mulher, o marginal, o imaginário, a sexualidade, a infância, o operário e o negro, dentre diversos outros, passaram a atrair a atenção dos pesquisadores de diferentes áreas como a Antropologia, a História, a Ciências Sociais e a Sociologia. Essas novas abordagens são marcadas por questionamentos e movimentos sociais e culturais que provocaram alterações nas relações de trabalho e de gênero, na participação política, nas disputas étnicas e, de modo marcante, nos padrões familiares.

Agora voltemos os nossos olhos para o Império Romano, que desde o seu início era uma miscelânea de gentes. Ali, poderíamos encontrar os próprios romanos, nascidos na *Urbe*, gregos, egípcios, germanos, entre tantos povos moradores da *Vrbs*, mediante ao espírito conquistador de Roma, acarretando uma soma de etnias, religiões, idades, sexo, profissões, idiomas, escondidos sob a alcunha de povo romano. E mesmo em uma sociedade essencialmente patriarcal, em que o homem monopolizava as relações públicas, os cargos políticos, e a família vivia sob o juízo do *paterfamilias*, a mulher teve papel relevante dentro da sociedade romana (FEITOSA, 2008). A seguir, passamos a conhecer quem era essa mulher romana.

Clark (1981, p. 194-197) aponta que esta sociedade era numericamente masculina, uma vez que muitas famílias cometiam o infanticídio quando se nascia mais meninas que meninos, ou quando a criança nascia com alguma deformidade. Podemos considerar também a complicação no parto, em que a menina morria ao parir por causa das infecções, dos nascimentos difíceis, ou porque era muito jovem para ter engravidado. Ainda havia casos de desnutrição, que, para reverter essa situação, muitas mães entregavam seus filhos para serem escravos ou trabalhar com prostituição.

A cidade não se empenhava em educar a menina romana. Para ela, estava destinado o casamento se tivesse sorte. A menina nobre poderia se casar muito jovem, assim que iniciasse a sua puberdade, com apenas 12 anos de idade; a de classe mais baixa, um pouco mais velha. À medida que a menina crescia, ela era preparada e educada para servir primeiro ao seu pai (*potestas*) e depois ao seu marido (*manus*). O pai negociava o futuro casamento, ela era negociada entre 12 e 18 anos, e seu marido tinha entre 30 a 40 anos, um homem mais velho daria à moça uma segurança de vida. A menina mais rica poderia ser educada na arte, ou na dança, por exemplo, e também era preparada para comandar a sua casa, aprendia a fiar, administrar os escravos, cuidar do orçamento familiar, para assim se tornar uma futura matrona.

Diz Shelton (1988. p. 37) sobre o assunto:

The Romans entered upon marriage at a very young age; both partners might be in their teens at the time of marriage. It was not, however, unusual for a girl in her early teens to be married to a man considerably older than herself who had already been "married once or twice before". Some girls were even married before they reached puberty.

Os romanos entraram em casamento muito cedo; ambos os parceiros podem estar na adolescência no momento do casamento. Não era, no entanto, incomum para uma menina, em seu início de adolescência, se casar com um homem consideravelmente mais velho que ela, que já tinha sido "casado uma ou duas vezes antes". Algumas meninas se casavam antes de chegarem à puberdade.

A sociedade esperava que essa menina guardasse sua castidade e sua reputação para o casamento. A virgindade e a pureza sexual eram qualidades valorizadas e consideradas vitais para a estabilidade da família e do Estado. O imperador Augusto introduz a *Lex Papia Poppaea*, que recompensava a mulher pelo casamento e pela maternidade, mas também penalizava o jovem que cometesse adultério e não se casasse. Entretanto, também foi dado o direito do divórcio para a mulher: por exemplo, Lúvia, esposa de Augusto, era uma mulher recém-divorciada quando se casou com o *princeps*.

O casamento era dado pela lei e pela religião – *justum matrimonium* – em uma cerimônia solene, onde ocorria a transferência de seu controle do pai para o marido. A mulher poderia recusar o casamento, uma vez que fosse mostrado o provável caráter vil do futuro noivo. A moral do casamento foi perdendo força ao longo do tempo, a ponto de ter, na cidade, inúmeras leis para reverter o desgaste deste, como a *Lex Julia de Adulteriis Coercendis* – a lei punia o adultério com o banimento. Os culpados eram enviados para diferentes ilhas e parte de suas propriedades era confiscada; os pais eram autorizados a matar a filha e o seu amante; o marido poderia matar os amantes e era obrigado a se divorciar da mulher adúltera, por exemplo.

A mulher abastada tinha como principal trabalho, como dito anteriormente, administrar seu grande lar, todas as propriedades e seus escravos, além disso recebia convidados, clientes. Quando Ovídio foi exilado por Augusto, em 8 d.C, deixou sua esposa como responsável em manter a casa da família, de onde provinha o seu sustento. O poeta expressa sua admiração à mulher em algumas linhas escritas em seu exílio (CLAASSEN, 2009, p. 179). Apesar de que, por direito, não tivesse voz, a mulher de classe abastada exercia alguma influência política dentro do âmbito privado, ela poderia patrocinar uma construção pública, um jogo, um artista e ainda gerenciava os negócios e a propriedade da família. A mulher abastada era criada para administrar sua casa, aprendia a ler, a escrever e estudava filosofia, não sendo esperado dela que falasse em público, nem que entrasse para as forças armadas. Cornélia Metela, a jovem esposa de Pompeu, quando morreu, foi distinguida por sua musicalidade e seu vasto conhecimento em geometria, literatura e filosofia (LIGHTMAN; LIGHTMAN, 2008, p. 94).

A mulher era obrigada, legalmente, a ter alguém que defendesse os seus interesses, as únicas exceções eram as mulheres que tinham três filhos, as libertas com quatro filhos, ou as virgens vestais, que poderiam cuidar de suas finanças. Mas há relatos que havia a mulher que administrava suas próprias finanças, possuía negócios, propriedades, por razão da morte de seu *paterfamilias* ou era divorciada. A esposa de Cícero, Terênci, possuía muitas terras em seu nome e uma renda anual considerável, além de algumas terras públicas e uma vila (LIGHTMAN; LIGHTMAN, 2008, p. 308-309).

Já a mulher de classe baixa – a livre, a liberta, ou a escrava –, se sobrevivesse às intempéries durante seu nascimento – poderia ser vendida como escrava ou prostituta –, poderia também trabalhar como empregada doméstica, dama de companhia, ou amante de seu senhor. Se tivesse alguma habilidade, trabalharia como cabeleireira, costureira, tecelã, perfumista, secretária, em pequenas fábricas ou em lojas domésticas, junto ao seu marido, vendendo legumes ou assando tijolos, limpando os quartos de um cortiço, carregando água, etc. Ainda poderia trabalhar nos bordéis ou tabernas pela cidade, servindo aos homens, cantando, dançando, atuando, como a famosa Cytheris (LIGHTMAN; LIGHTMAN, 2008, p. 101-102), amante de Marco Antônio, que jantou com Cícero em uma ocasião.¹ Também poderia trabalhar como ama de leite, babá, parteira, embora não adquirisse *status* social por isso. Ainda havia aquela que tinha aptidão para música e desenho (CLARK, 1981, p. 197-200). Assim, a mulher romana – tanto aquela mais abastada quanto a de classe mais baixa – não ficava apenas confinada em casa, dedicada apenas ao seu lar, tecendo e administrando a casa e os escravos, ela possuía uma vida ativa dentro da sociedade romana.

Gastón Boissier (1898, p. 96) aponta que:

One of the most curious characteristics of that age, was that the women appear as much engaged in business and as interested in speculations as the men. Money is their first care. They work their estates, invest their funds, lend and borrow.

Uma das características mais curiosas daquela época era que as mulheres pareciam tão engajadas nos negócios e tão interessadas em especulações quanto os homens. O dinheiro é seu primeiro cuidado. Elas trabalham suas propriedades, investem seus fundos, emprestam e pedem emprestado.

A mulher solteira também podia competir como atleta nos jogos e frequentava academias, lutava como os gladiadores. Ela também poderia se lançar a escrever. Por exemplo, são creditados à Sulpícia seis poemas curtos incluídos no *corpus* da poesia de Tibulo.² Acreditamos que Sulpícia foi uma das poucas mulheres que se lançaram na literatura, mas o fato carece de mais informações, uma vez que alguns estudiosos atribuem a autoria destes poemas ao próprio Tibulo. A mulher romana também foi retratada na literatura, aparecendo como destaque nas comédias, na sátira, ou na poesia. Por exemplo, Catulo dedica alguns poemas à sua amada Lésbia. Neles, podemos ver a evolução de seu romance com a amante, o caso acaba mal e as declarações de amor catulianas se transformam em ataques à amada. Ovídio, em *Ars Amatoria*, adota o gênero da poesia

¹ Conforme nos conta Cícero (*Ad fam.* IX, 26; *Phil.* II, 69).

² A autora é mencionada por Marcial nos epigramas X, 35 e X, 38.

didática e oferece algumas instruções para a mulher romana sobre a arte da conquista amorosa. Quintiliano (*Institutio oratoria*, I, 1, 6) cita algumas mulheres notáveis. Marcial e Juvenal, por exemplo, denunciam os vitupérios femininos.

Ainda havia, em Roma, aquela que possuía voz ativa como oradora, por exemplo, Amaesia Sentinas, em 77 a.C., falou em sua própria defesa e foi absolvida depois de um curto julgamento, por conta de todo o seu discurso eloquente (Valerius Maximus, *Facta et dicta memorabilia*, VIII, 3, 1). Embora uma mulher não advogasse em público, o exemplo acima sugere que a mulher praticava sua oratória em âmbito familiar. Hortência, em 42 a.C., realizou um importante discurso no Fórum, desafiando a proposta de taxar a riqueza das mulheres mais ricas, a fim de financiar a guerra contra os assassinos de César. O sistema político romano era exclusivamente masculino, a mulher era impedida de votar, e inadequada para participar do âmbito político. No entanto, a mulher da elite tinha poder de influenciar as decisões de seu marido, assim exercendo certo poder no mundo político, podendo até ser considerada como ameaça ao governo masculino. Uma mulher notável foi a imperatriz Lívia, esposa de Augusto, já citada nas páginas acima, que, no início do Império Romano, atuou como fiel conselheira do *princeps*. Houve aquelas que tentaram derrubar os imperadores romanos, Messalina conspirou com Caio Sílio para derrubar o imperador Cláudio, seu marido, por exemplo. Também pouco se sabe sobre a mulher no exército romano, mas podemos dizer que as esposas e filhos dos centuriões viviam com eles nas fronteiras e províncias. A coluna de Trajano retrata suas mulheres entre os soldados, realizando oferendas em uma cerimônia religiosa militar.

A mulher participava ativamente da vida religiosa da *Urbe*. Alguns rituais eram realizados especificamente por/para ela, como o ritual da *Bona Dea* – deusa da fertilidade e virgindade, venerada pelas matronas romanas. Ela também poderia ser sacerdotisa da deusa Ceres – deusa das plantas, dos grãos, da maternidade. Os *ludi ceriales*, jogos em sua homenagem, foram instituídos no século III a.C. e eram realizados durante o mês de abril –; ou ainda da deusa Vesta – personificação do fogo sagrado, da pira doméstica e da cidade. A vestal possuía *status* público e alguns privilégios da sociedade romana, sendo ela emancipada da autoridade paterna. Além disso, era liberada de ter filhos e se casar, devido ao seu voto de castidade. Entretanto, ela não poderia fazer sacrifícios de animais e nem rituais públicos.

A mulher mais rica possuía algum cuidado com sua aparência, principalmente com os cabelos – estes eram elaborados, com todo tipo de enfeites –, usava brincos, pulseiras, colares e se vestia com longos vestidos, combinando com um manto bordado das cores mais diversas, que era feito de seda, linho ou lã. As divorciadas e meretrizes usavam apenas a toga volumosa, possibilitando a identificação do grupo social ao qual pertenciam –

levando em consideração o tamanho ou a cor. Em público, a mulher cobria a cabeça com o *pallium*, colocado sob a *stola*, que era um vestido longo, plissado, usado sobre uma túnica, que, geralmente, tinha mangas compridas. Para o seu rosto, usava maquiagem com base de lanolina, retirada da lã virgem, os olhos eram pintados com alguns minerais, dando algum brilho a ele. Ela ainda se banhava em perfumes e unguentos. Em *Ars Amatoria*, livro III, por exemplo, Ovídio aconselha a mulher a se arrumar e a se pentear. O autor ainda, em *Medicamina Faciei Feminae*, fala mais sobre os cuidados femininos, e defende o uso, por parte da mulher, de todo tipo de cosméticos.

Para se divertir, a mulher podia debater no fórum, nos *ludi*, participar de corridas de biga, ir ao teatro, ou até mesmo participar dos jantares. Muitos generais romanos levavam suas esposas para as campanhas militares: conta-se que o imperador Cláudio nasceu na Gália por esse motivo. Algumas mulheres viajavam durante o verão, visto que Roma era muito quente nesta época; ou viajavam para participar de cerimônias religiosas ao redor do Império.

A seguir, apresentaremos algumas informações importantes sobre a vida e obra de Marcial, os pormenores do gênero escolhido por ele e de seu conjunto epigramático. Nas páginas seguintes, conheceremos alguns exemplos das mulheres em Marcial. Cabe lembrar que as traduções são de nossa autoria, como também os comentários pertinentes.

Marcial: o homem dos epigramas

O que conhecemos sobre o poeta Marco Valério Marcial deriva de seus epigramas (CESILA, 2004, p. 29), exceto o anúncio de sua morte – dado por Plínio, o Jovem (*Epistularum Liber Tertius*, III, 21). Tomando por base o seu livro X, que foi publicado entre 95 e 98 d.C., no epigrama X, 24,³ Marcial diz que está comemorando seu quinquagésimo sétimo aniversário e que nasceu em Março, suponhamos então que tenha nascido em 39/40 d.C., sob o reinado de Calígula ou Cláudio. O poeta nasce em Bilbilis, na Espanha Terraconense, e seus pais são Fronto e Facila, como conta em V, 34.⁴ E chega a Roma no ano de 64 d.C., movido pelo

³ No original: "Natales mihi Martiae Kalendae, / lux formosior omnibus Kalendis, / qua mittunt mihi munus et puellae, / quinquagésima liba septimamque / vestris addimus hanc focis acerram. / his vos, si tamen expedit roganti, / annos addite bis precor novenos, / ut nondum nimia piger senecta, / sed vitae tribus areis peractis / lucos Elysiae petam puellae. / post hunc Nestora nec diem rogabo". Tradução nossa: «As calendas de março nas quais eu nasci, / dia formosíssimo de todos os meses, / quando as meninas enviam presentes a mim, / é a quinquagésima sétima vez / que unimos em seu altar de incenso. / Se convier a quem roga, a tantos anos, / adicionem mais dezoito, peço, / para que a velhice não seja preguiçosa em demasia, / mas cumpridas as três fases da vida, / suplique à virgem Elísia, os sacros bosques. / Não rogo um dia a mais que os de Nestor».

⁴ No original: "Hanc tibi, Fronto pater, genetrix Flaccilla, puellam/ oscula commendo deliciasque meas". Tradução nossa: "A esta menina recomendo, Frontão, pai e Flacila, mãe, os meus beijos e carinho".

relativo sucesso que seus conterrâneos, como Sêneca e Lucano, adquiriram na cidade. Ao chegar, Marcial fica sob a proteção do Círculo de Sêneca.

O poeta fez muitos amigos influentes em Roma – e inimigos também –, e, para eles, dedicava alguns de seus escritos. Aos imperadores Tito e Domiciano, dedicou seu *Liber Spectaculorum* (em 80 d.C.), obra na qual narra os cem dias da inauguração do oponente Coliseu. Em troca, recebeu deles *ius trium liberorum*, apesar de não ter filhos – privilégio dado ao cidadão romano que teve pelo menos três filhos. Com o passar do tempo, tal privilégio era concedido como recompensa por boas obras em geral. Justiniano o revogou em 534 d.C. – e lhe foi conferida a ordem equestre, títulos dados por Tito e mantidos por Domiciano. Aos poucos, o poeta sente falta de sua terra natal, Roma não tinha mais atrativos que o prendesse. Desiludido, regressa a Bilbilis por volta do ano 98/99. Lá, o poeta encontrou ajuda em uma espécie de patrona, Marcela, que lhe oferece uma propriedade rural. A sua morte ocorre em 103/104, em Bilbilis.

Marcial se lançou a escrever exclusivamente o gênero epigramático. Amaral (2017, p. 87) diz que “o epigrama grego antigo (datado do século VIII a.C.), devido ao seu caráter de inscrição, se encontrava no limiar entre o documento e a poesia”, visto que seria o ato de inscrever sobre uma superfície de pedra, como as feitas em lápides, monumentos; ou metal, como em estátuas e troféus. A métrica utilizada para escrever era o hexâmetro; mais tarde, este é substituído pelo dístico elegíaco, em uma aproximação à elegia. A maior parte das inscrições não possuía assinatura de seu autor, uma vez que tinha função apenas de informação, documento: o anonimato destas inscrições pode ser justificado pela função prática de inscrição, o que não requeria do autor a declaração de sua identidade.

Segundo López Férez (1988, p. 842), as mais antigas inscrições desse tipo datam do século VIII a.C. e são compostas por versos em hexâmetros, mas o dístico elegíaco, segundo o autor, acabou por se tornar, com o tempo, o metro típico desses epitáfios e ex-votos. Com as guerras Médicas, já no período clássico grego, essas inscrições tornaram-se mais numerosas em razão das homenagens prestadas nos túmulos dos soldados mortos nos combates e nos troféus ofertados aos guerreiros vencedores. O autor do primeiro epigrama conhecido viveu provavelmente nessa época: Íon de Samos, que compôs os versos inscritos na estátua consagrada por Lisandro quando da tomada de Atenas (CESILA, 2004, p. 25).

O epigrama esteve por um bom tempo na “clandestinidade” dos gêneros, já que era considerado como gênero menor, não precisando de uma coletividade para ser lido e por conta do material que era escrito, distante das grandes performances da poesia à época, diante de uma plateia. A transição das pedras para as páginas ocorre durante o século IV a.C. No século V a.C., com os poetas helenistas, o epigrama se converte, enfim, em gênero poético, e também o seu leque temático se afasta dos assuntos bélicos para os

temas mais poéticos. Os poetas helenistas trazem para o gênero toda a engenhosidade, agudeza e brevidade, que mais tarde seriam características primordiais do gênero, junto ao caráter picante, jocoso e mordaz.

Com o passar das pedras para a página, o epigrama “ganha asas” e avança além do mundo grego, chegando ao seu novo lar: Roma. Dos autores arcaicos, pouca coisa restou, entretanto o maior exemplo seguido por Marcial, apesar de não escrever somente o gênero epigramático, foi Catulo. Em seu primeiro momento, o epigrama romano ainda manteve os temas do epigrama arcaico grego: ex-votos, epitáfios. Com o passar do tempo, o texto epigramático passa a ter como tema os prazeres da vida, torneado pelo humor e o sarcasmo – características típicas do gênero. Logo, para os romanos, o texto epigramático representava quaisquer tipos de inscrições breves de temas habituais, como também, os pequenos poemas de circunstância, e a introdução de matizes obscenos e licenciosos. Outra característica importante, presente desde Lucílio, poeta grego que produziu alguns epigramas, era narrar todo tipo de defeito físico, com a intenção de desmascarar o vício humano, assim como Marcial, terminando com o final inesperado.

Voltemos a Marcial. Podemos dizer que sua obra é multifacetada, e visa a atacar os vícios romanos. Para isso, o poeta não usa o verdadeiro nome de seus personagens, recorrendo ao uso de nomes fictícios que tivessem algum significado dentro do contexto epigramático. Entretanto, quando o poeta se lançava a homenagear/bajular alguém, usava o nome real do personagem, buscando obter alguma recompensa ou apoio. Nos textinhos de Marcial, encontramos ironia, humor, mordacidade, brevidade, agudeza, todos os elementos tipicamente epigramáticos. Acompanhando uma ordem de publicação, logo após o *Liber Spectaculorum*, o poeta publica, entre 83/84 d.C., os *Xenia* (livro XIII), que acompanhavam os pequenos presentes ofertados na Saturnália. No ano seguinte, 85 a.C., publica os *Apophoreta* (livro XIV), 223 textinhos, que tratavam sobre os alimentos ofertados e consumidos durante os festejos da Saturnália. A partir de 86 d.C., Marcial publica o *Epigrammata*, conjunto de seus 12 livros. Os livros I e II foram publicados em 86 d.C.; o livro III, no final de 87 d.C.; o IV, em 89 d.C.; livro V, em dezembro de 90 d.C.; em 91 e 92 d.C., os livros VI e VII, respectivamente; livro VIII, em 94 d.C.; em 95 d.C., publica o livro IX; a primeira edição do livro X é publicada em 95 d.C.; e a segunda edição em meados de 98 d.C.; em 96 d.C., o livro XI; por fim, entre 101/102 d.C., o livro XII.

Em diversos momentos, os escritos de Marcial vão de um humor pastelão para a mordaz caricatura; a indignação sobre determinado assunto; perpassando por algumas homenagens aos amigos, ao imperador, por exemplo, e apresentando, não importando o tom de suas letras, um olhar crítico sobre a sociedade romana dos fins do século I d.C. Em muitos, se queixa de seus patronos, dos parques jantares, da sua condição de *cliens*,

do labor literário; também o poeta descreve os avarentos, os bêbados, os bajuladores, as casamenteiras, as prostitutas, os vaidosos. O leitor é apresentado a um espiral de vivacidade, em uma realidade quase palpável da Roma daquele tempo.

Marcial entre as mulheres de seus livros

Dos mais de 1500 epigramas escritos por Marcial, aproximadamente, em 25 por cento, o tema principal é o gênero feminino. Entretanto, o poeta varia o tom usado em cada personagem narrada, ora com candura, ora com doses de deboche, ora com indignação. Marcial aponta o vício, lança mão das personagens mitológicas e históricas, homenageia as mulheres participantes de sua vida. A maior parte desses epigramas se encontra nos livros I, VIII, X e XII. Embora muitos de seus textos indiquem uma descrença cínica no caráter das mulheres, outros ainda provam que ele pode reverenciar a mulher respeitosa e cortês. A seguir, apresentaremos alguns exemplos selecionados para que possamos apresentar o leque das mulheres em Marcial.

Dos vícios mencionados por Marcial, o mais numeroso é o que se enquadra na categoria da promiscuidade, em especial a adúltera ou a prostituta. Neste último caso, por exemplo, Marcial apresenta a prostituta como aquela que joga com o homem, que joga por diversão, por causa de um pagamento. Em maior número, dentro deste grupo, temos as esposas infiéis. Em I, 74, Paula nega que um rapaz é seu amante e Marcial a questiona quanto a isso.

I, 74

Moechus erat: poteras tamen hoc tu, Paula, negare.
Ecce vir est: numquid, Paula, negare potes?

Ele costumava ser seu amante: mas você poderia negar isso, Paula.
Olha agora, ele é seu marido: você pode negar agora, Paula?

Já em I, 68, conhecemos Névia e Rufo. Nos primeiros três versos, Marcial descreve a paixão insana de Rufo. Ele está completamente apaixonado por Névia. Para ele, existe apenas ela como mulher solteira, ele não consegue pensar em mais nada. O cúmulo de sua paixão doentia se dá quando Rufo escreve uma mensagem ao pai, mas na verdade escreve uma declaração para a amada. Nos dísticos finais, Marcial mostra a frieza de Névia em direção à paixão de Rufo. Marcial precisa intervir na narrativa do epigrama. O poeta diz a Rufo que há outras mulheres ao seu redor e se Névia não o quer, talvez tenha quem queira.

I, 68

Quidquid agit Rufus, nihil est nisi Naevia Rufo.
 Si gaudet, si flet, si tacet, hanc loquitur.
 Cenat, propinat, poscit, negat, innuit: una est
 Naevia; si non sit Naevia, mutus erit.
 Scriberet hesterna patri cum luce salutem, 5
 'Naevia lux' inquit 'Naevia lumen, have.'
 Haec legit et ridet demisso Naevia vultu.
 Naevia non una est: quid, vir inepte, furis?

Haja o que houver, não há ninguém como Névia para Rufo
 Se alegre, se triste ou silencioso, ele fala.
 Janta, brinda, requer, nega, anui: não havendo Névia. Emudece.
 Ontem ao amanhecer, escreveu a saudação para o pai:
 'Névia, luz – disse – Névia, meu sol, oi.'
 Ela leu e riu de cabeça baixa.
 Névia não é a única: Homem Inepto, porque se enfurece?

O engano feminino também faz parte da invectiva nos escritos de Marcial. A quantidade de textos sobre isso revela a proximidade com a promiscuidade e o envolvimento com perversidade sexual e manipulação. Marcial deixa evidente o quanto é agradável, para ele, ser enganado por uma mulher, principalmente ser enganado por sexo, mesmo com todo senso de humor de suas linhas. Vejamos o epigrama III, 90: Gala tenta manipular o poeta com a sua feminilidade. O poeta não está para os sentimentalismos femininos, ele não consegue decifrar os caprichos da mulher.

III, 90

Volt, non volt dare Galla mihi; nec dicere possum,
 quod volt et non volt, quid sibi Galla velit.

Quer, ou não quer, Gala, dar para mim. Não posso dizer
 quando quer ou não quer, para si, Gala.

Gala reaparece em IV, 38, em mais um dístico elegíaco. Ela sempre aparece para atormentar o poeta: ela não diz não e também não lhe concede nada (IV, 71). Marcial a apresenta como sua amante (III, 51), mas também é uma ninfomaníaca (II, 34; IV, 58), uma prostituta (IX, 4). O poeta adverte o que pode acontecer se a mulher recusar os seus avanços, ele pede que Gala não o negue por muito tempo, mesmo que se satisfaça com a tortura, porque o amor todo que o poeta diz sentir poderá acabar.

IV, 38

Galla, nega: satiatur amor nisi gaudia torquent:
 sed noli nimium, Galla, negare diu.

Gala nega: satisfaz o amor que não tortura.
Porém, Gala, não negues por muito tempo.

Outro vício exemplificado pelo poeta é o de beber excessivamente. O poeta, na maioria dos textos, narra o consumo exacerbado da bebida e suas consequências, e também nomeia e apresenta alguns de seus bêbados no epigrama I, 28, no qual ele nos conta que Acerra não bebe apenas de noite, e, sim, ela é uma alcoólatra, bebe desde o amanhecer. A prova disso? Ela exala o cheiro do álcool, que, por falta de higiene, prolifera.

I, 28

Hesterno fetere mero qui credit Acerram,
fallitur: in lucem semper Acerra bibit.

Aquele que acha que Acerra fede vinho azedo de ontem
está errado: Acerra sempre bebe até o amanhecer.

Marcial zomba dos feitos fúteis do alcoólatra em disfarçar o cheiro da bebida por meio de perfumes. Em V, 4, conhecemos Myrtale, que mascara o odor do álcool com folhas de louro em demasia e ainda o mistura com a bebida, mas o truque não causa efeito e sim chama a atenção, já que sua aparência a denuncia – *Hanc tu rubentem prominentibus venis*. A engenhosidade fica por conta do uso de *bibere* em relação às folhas de louro, para enfatizar o problema alcoólico de Myrtale, o leitor espera que o poeta usasse o verbo que indicasse a ação de mastigar e não de beber, acarretando a graça do epigrama.

V, 4

Fetere multo Myrtale solet vino,
sed fallat ut nos, folia devorat lauri
merumque cauta fronde, non aqua, miscet.
Hanc tu rubentem prominentibus venis
quotiens venire, Paule, videris contra, 5
dicas licebit "Myrtale bibit laurum."

Myrtale costuma feder muito a vinho,
mas para nos enganar, devora folhas de louro
e mescla o vinho com a cauta folha, e não com água.
Ela vermelha, com as veias saltando,
Paulo, sempre, que a vires vir,
podes dizer: 'Myrtale bebeu louro'.

Os escritos de Marcial são espaço para falar de tudo e de todos. O poeta aponta o vício, elogia quem é para se elogiar/bajular, mas tem predileção em falar sobre os defeitos físicos, não importando ser homem ou mulher. Marcial apresenta, em II, 33, um poema

em hendecassílabo, com temática obscena. O poeta escreve um insulto à aparência física de Filênis, que pode ser indicado pelo uso do verbo *fellatio*. Além disso, o poeta não quer que ninguém a beije, pois é uma mulher pouco – ou nada – atraente. Logo nos primeiros versos, em um jogo de pergunta e resposta, Marcial a descreve como calva, ruiva e vesga. Filênis ainda é comparada ao órgão sexual masculino. Marcial, ao comparar, indica o ato praticado pela personagem também: ela é feia de corpo, mas sabe satisfazer alguém.

II, 33

Cur non basio te, Philaeni? calva es.
Cur non basio te, Philaeni? rufa es.
Cur non basio te, Philaeni? lusca es.
Haec qui basiat, o Philaeni, fellat.

Por que não te beijo, Filênis? Você é calva.
Por que não te beijo, Filênis? Você é ruiva.
Por que não te beijo, Filênis? Você é vesga.
Quem beija essas coisas, oh Filênis, até chupa!

Já em III, 8, Marcial nos apresenta Taís, personagem recorrente em muitos epigramas. Neste, Quinto está apaixonado por Taís. Marcial parece incrédulo, Taís é vesga. Entretanto, o poeta revela a deformidade do amado também: se Taís tem apenas um olho, Quinto não tem os dois.

III, 8

"Thaida Quintus amat." "Quam Thaida?" "Thaida luscam."
Vnum oculum Thais non habet, ille duos.

Quinto ama Taís. Que Taís? Taís a vesga.
Falta um olho na Taís, a ele, os dois.

Em I, 19, Élia é uma mulher desdentada. Se repararmos na estrutura do epigrama, Marcial construiu uma linha para cada dente perdido, em dois dísticos: uma para cada tosse que expelle dois dentes de cada vez. No final, Marcial, carregado de ironia, diz que ela pode tossir o quanto quiser, não terá perigo de cair nenhum de seus dentes, porque todos já caíram.

I, 19

Si memini, fuerant tibi quattuor, Aelia, dentes:
expulit una duos tussis et una duos.
Iam segura potes totis tussire diebus:
nil istic quod agat tertia tussis habet.
Se me recordo, tinhas quatro dentes, Élia:
tossiste de uma vez e expeliu dois, e outra vez, mais dois.

Fique tranquila, agora podes tossir por todo dia,
 não fará nada uma terceira tosse.

Em contrapartida, temos os epigramas que tratam da vaidade feminina. Marcial vitupera o uso excessivo e artificial dos cosméticos. Leiamos o epigrama III, 55, Gélia tem costume de se perfumar em excesso. Marcial, movido por seu sarcasmo, diz que o seu cachorro pode cheirar melhor que Gélia.

III, 55

Quod, quacumque venis, Cosmum migrare putamus
 et fluere excusso cinnama fusa vitro,
 nolo peregrinis placeas tibi, Gellia, nugis.
 Scis, puto, posse meum sic bene olere canem.

Qualquer que seja o lugar por onde se ande, Cosmo, creio ali passou,
 e agitada no ar, a canela exala no frasco entornado,
 não quero que te agrades, Gélia, as exóticas ninharias.
 Eu acho que sabes que até o meu cão pode cheirar bem.

Em IX, 62, Marcial quer dizer que Filênis tenta disfarçar o seu forte cheiro vestindo a mesma roupa durante o dia inteiro – *et nocte utitur et die* – tingida de púrpura, que era sinal de alto nível social, uma vez que era um tecido mais caro, através do *murex*, um tipo de molusco. Filênis não tem poder nenhum na sociedade, ela não se veste com aquela cor porque quer, é porque quer esconder seu fedor.

IX, 62

Tinctis murice vestibus quod omni
 et nocte utitur et die Philaenis,
 non est ambitiosa nec superba:
 delectatur odore, non colore.

Por toda aquela roupa tingida de múrice,
 Filênis usar de dia e de noite,
 não é ambiciosa e muito menos soberba:
 lhe dar prazer o fedor e não a cor.

Marcial não apenas ataca ao gênero feminino. O poeta reconhece as mulheres que foram importantes em sua vida, ou que tiveram destaque na história, mitologia ou literatura. Em V, 34, Marcial lamenta a morte da pequena Erócio, uma escravinha de sua casa. Aqui, o poeta pede que a terra lhe seja leve e que seus pais cuidem dela.

V, 34

Hanc tibi, Fronto pater, genetrix Flaccilla, puellam
 oscula commendo deliciasque meas,
 parvola ne nigras horrescat Erotion umbras
 oraque Tartarei prodigiosa canis.
 Impletura fuit sextae modo frigora brumae, 5
 vixisset totidem ni minus illa dies.
 Inter tam veteres ludat lasciva patronos
 et nomen blaeso garriat ore meum.
 Mollia non rigidus caespes tegat ossa nec illi,
 terra, gravis fueris: non fuit illa tibi. 10
 A esta menina recomendo, Frontão, pai e Flacila, mãe,
 os meus beijos e carinhos,
 que a pequenina Erócio não tema as negras e estupendas
 sombras e a boca do cão do Tártaro.
 Completaria o frio de seis invernos,
 se ela tivesse vivido mais seis dias.
 Que jovial brinque entre os patronos tão velhos
 e o meu nome murmure gaguejando.
 Que um solo rígido não cubra os ossos delicados,
 que não seja para ela, ó terra, um peso: ela não o foi para ti.

Marcial dedica alguns de seus escritos também à esposa devotada. Em IV, 75, conhecemos Nigrina, uma esposa exemplar. Nigrina é feliz por fazer seu esposo feliz, Marcial a descreve como a maior entre todas as noras latinas, e a mostra como uma mulher generosa. Ao contrário das mulheres romanas que usam de suas heranças para serem independentes de seus maridos, Nigrina junta seus bens com os bens de seu marido. Marcial recorre à mitologia ao citar Evadne e Alceste,⁵ que se sacrificaram por seus maridos, colocando Nigrina em lugar de destaque, uma vez que não precisou morrer para provar o seu amor, ela o provou em vida.

IV, 75

O felix animo, felix, Nigrina, marito,
 atque inter Latias gloria prima nurus:
 te patrios miscere juvat cum conjuge census,
 gaudentem socio participique viro.
 Arserit Euhadne flammis injecta mariti, 5
 nec minor Alcestin fama sub astra ferat;
 tu melius. Certo mervisti pignore vitae
 ut tibi non esset morte probandus amor.

Ó feliz Nigrina, feliz pelo ânimo do marido,
 glória maior entre as noras latinas:
 agrada-te unir os bens paternos com os bens do cônjuge,
 do homem que participa e do sócio desfrutando.
 Arda Evadne na pira do marido lançado,
 e Alceste eleve aos céus não a menor fama;

⁵ A primeira era esposa de Capaneu. Ela jogou-se na pira crematória do marido, morto na expedição dos Sete Contra Tebas. A segunda morre no lugar de seu marido, Admeto.

tu, a melhor. Com o penhor, da vida ganhas
não ter que provar o amor com a morte.

Marcial não só dedica muito de seus escritos aos personagens nomeados por meio de nomes fictícios, como também dedica alguns às suas leitoras. Em III, 86, Marcial, jocosamente, adverte as meninas castas quanto à leitura de seus livros, eles não são para elas, uma vez que possuem falta de decência e uma linguagem pouco vulgarizada.

III, 86

Ne legeres partem lascivi, casta, libelli,
praedixi et monui: tu tamen, ecce, legis.
Sed si Panniculum spectas et, casta, Latinum,
non sunt haec mimis improbiora, lege.

Não leias as parte lascívia do livrinho, casta menina,
eu disse e adverti: tu, contudo, lê.
Mas se assistes Panículo e Latino, casta menina,
eles não são mais ímprobos que os mimos, lê.

Considerações finais

Dado o exposto, este artigo, no primeiro momento, se valeu de um pequeno resumo sobre a figura feminina dentro da sociedade romana. Assim, após a leitura da introdução, podemos dizer que a mulher, mesmo sendo dona de seu lar e obediente ao seu marido, usufruía de certas liberdades e privilégios.

Antes de conhecermos a mulher em Marcial, voltamos os nossos olhos para conhecer os pormenores do homem por detrás dos textos apresentados nas linhas seguintes. Assim, apresentamos algumas informações sobre a sua vida, sobre o conjunto de sua obra e concluímos que todos os seus epigramas são dotados de uma fabulosa variedade temática, em que o poeta soube transmitir cada espaço de Roma: dos banquetes suntuosos, as ruelas, os banhos, caricaturando uma sociedade multifacetada, em suas linhas vivas e palpáveis, na qual o leitor se sente o próprio romano de fins do século I d.C.

Sabemos que a maior parte da obra marciálica tinha como mote principal a demonstração dos vícios, e a mulher não fugia de ser vituperada pelo poeta. Suas penas não pouparam em falar de todo tipo de comportamento feminino. Nestas linhas, apenas pudemos conhecer alguns desses casos, como as mulheres ligadas à promiscuidade, as bêbadas, as que tinham algum defeito físico, por exemplo. Mas também podemos ver que Marcial soube dar o devido valor, por exemplo, à esposa devotada e às mulheres que fizeram parte de sua vida pessoal, como Erócio, sua escravinha.

Referências

Documentação primária

- CICERO. *Epistolae ad familiares*. Edited by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1977.
- CICERO. *Philippics*. Translated by Gesine Manuwald. London: Walter de Gruyter, 2007.
- QUINTILIAN. *The instituto oratoria*. Translated by H. E. Butler. Cambridge: Harvard University Press, 1969.
- VALERIUS MAXIMUS. *Memorable doing and sayings*. Edition and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 2000.
- OVID. *Ars amatoria*. Edited with introduction and commentary by Roy K. Gibson. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- MARTIAL. *Epigrams; Spectacles: books 1-5*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1993. v. I.
- MARTIAL. *Epigrams: books 6-10*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1993.
- MARTIAL. *Epigrams: books 11-14*. Edited and translated by D. R. Shackleton Bailey. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

Obras de apoio

- AMARAL, F. V. Epigrama fúnebre e o contexto funerário. In: SARTORELLI, E. C; LIMA, R C; CESILA, R. T. (Org.). *Vozes clássicas, ecos renascentistas: intertextualidade, epigrama, autores revisitados*. São Paulo: Humanitas, 2017, p. 87-107.
- BOUISSER, G. *Cicero and his friends: a study of Roman society in the time of Caesar*. London: Ward, Lock & CO Ltda., 1898.
- CESILA, R. T. *Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise*. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- CLARK, G. Roman Women. *Greece & Rome*, v. 28, p. 193-212, 1981.
- CLAASSEN, J.M. Tristia. In: KNOX, P. (Ed.). *A Companion to Ovid*. Oxford: Blackwell, 2009, p. 170-183.
- FEITOSA, L. C. Masculino e feminino na sociedade romana: os desafios de uma análise de gênero. In: CANDIDO, M. R. (Org.). *Mulheres na Antiguidade: novas perspectivas e abordagens*. Rio de Janeiro: DG, 2012, p. 203-218.

- FEITOSA, L. C. Gênero e sexualidade no Mundo Romano: a Antiguidade em nossos dias. *História: Questões & Debates*, n. 48/49, p. 119-135, 2008.
- FOXHALL, L. *Studying gender in Classical Antiquity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.
- GALDUF, A. La mujer en la Roma antigua: recuperando a la mujer romana. *Arquehistoria*, 8 mar. 2016. Disponível em: <<http://arquehistoria.com/la-mujer-en-la-roma-antigua-5522>>. Acesso em: 13 dez. 2018.
- LIGHTMAN, M.; LIGHTMAN, B. *A to Z of Ancient Greek and Roman women*. New York: Facts on File, 2008.
- PERROT, M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18, p. 09-18, 1989.
- SANTIAGO, M.; FEITOSA, L. C. Família e gênero: um estudo antropológico. *Mimesis*, v. 32, n. 1, p. 29-41, 2011.
- SHELTON, J. A. *As the Romans did*. New York: Oxford University Press, 1988.